

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

TECNOLOGIAS DIGITAIS E A DOCÊNCIA: IMPACTOS NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E NA FORMAÇÃO HUMANA¹

DIGITAL TECHNOLOGIES AND TEACHING: IMPACTS ON LEARNING PROCESSES AND HUMAN TRAINING

Sirlei Rigodanzo²

¹ Pesquisa de tese de Doutorado

² Rigodanzo, Sirlei

1. A CULTURA DIGITAL EM UMA SOCIEDADE HIPERCONECTADA

A configuração de um novo mundo, conectado, plugado, midiaticado e veloz está posta. Neste cenário observa-se a ascensão da inteligência artificial, partindo em busca de vida em outros planetas e criando formas de linguagem entrelaçadas em novos estilos de se comunicar que expandem o espaço de interpretação do mundo e das novas linguagens na era digital. Hoje temos mais acessos, mais conexões e, conseqüentemente, mais trabalho para nos manter ao ritmo do mundo moderno e acompanhar a rapidez instaurada pelas tecnologias que muitas vezes nos fazem esquecer do nosso próprio “eu” interior. Assim, nesse tempo acelerado é que o humano se transforma em um ser de tempo cronológico, imerso num mar de informações em que permanece ligado 24 horas por dia, 07 dias por semana, “surfando” na rede.

Este cenário que acelera a (re)evolução humana,

[...] possibilitou aos indivíduos experimentar novas formas de existir no mundo e, logo, novos modos de se relacionar. A identidade daí em diante não seria mais apenas uma herança comunitária, ela se tornou um acesso às diferentes instâncias das sociedades modernas, cujos aparatos e instituições exigiam determinados posicionamentos dos indivíduos. As relações familiares e de trabalho não mais se limitavam ao grupo que dividia o mesmo espaço durante praticamente toda a vida. Compartilhar diferentes ambientes em momentos distintos e desempenhar uma interação adequada por meio de identidades fluidas e descartáveis se tornou um compromisso inadiável nas agendas de então. Nas sociedades contemporâneas, a prática de administrar identidades adequadas integra o cotidiano de cada um, responsável por escolher, definir, construir e descartar suas próprias identidades. A questão não é saber quem se é, e sim quem se tornar e como se tornar. (TOMAZ, 2014, p.183)

Nesse formato de sociedade, as interações reconstróem identidades e a informação passa a ter um valor incalculável. Nessa velocidade de dimensões inimagináveis institui-se, como se refere Manuel

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

Castells (1996), a “sociedade em rede”, uma nova cultura que vem a se chamar “cibercultura^[1]”, composta de novos sujeitos - nativos digitais -, interligados pela grande rede, girando em uma multiplicidade de possibilidades e com o mundo ao alcance de um toque, formando o que hoje denominamos de “cultura digital”.

A cultura digital nos impulsiona para a era da “big data”, da sociedade de dados e da inteligência artificial, onde teias e nós se formam e a condição humana sofre a transformação, a metamorfose, pois os espaços e as distâncias desaparecem e o tempo fica instantâneo. Tendo a consciência de que não podemos escapar do fato de que esta condição está aí e que ela nos afeta, está dentro de nós e nos estimula a dialogar sobre o impacto das tecnologias em nossa vida, importa não “[...] cair ao extremo de um triunfalismo com a tecnologia ou de uma tecnofobia^[1], pois, os extremos não nos levarão a nada” (SANTAELLA,2015, s.p.).

O surgimento desse novo lugar traz consigo uma cultura (re)modelada, interpelada pelas novas tecnologias, apresentando o digital como maestro, forçando em um curto espaço de tempo a integração desta com a sociedade e a cultura, pois, de acordo com Prado (2009), “a cultura digital é a cultura do século XXI, é a nova compreensão de praticamente tudo” (p.44). Esse cenário de intensas alterações pelo qual vem passando toda a sociedade tem provocado inúmeras reflexões, inclusive sobre o papel da escola, sobre a profissão docente e as novas gerações. Face esse contexto, entende-se que “a escola - estrutura física e professores-educadores – deve se adequar para receber esses novos alunos digitais, uma vez que esses apresentam distintas competências tecnológicas que devem ser exploradas em sala de aula” (COELHO, 2012, p.89).

Sendo assim, uma nova dinâmica escolar com base em novos formatos de sala de aula, que não a tradicional, mas que garantiria que as dimensões pedagógicas fossem efetivamente concretizadas começaria a ser proposta. A partir desta realidade, um novo contexto educacional emergiria, trazendo novos desafios ao docente que ensina/media os processos educativos ao lidar com as “crianças que já nascem num mundo caracterizado pela presença das tecnologias e da mídia digital e que isso produziria mudanças em seu perfil cognitivo, que seriam mais rápidas, multitarefas e autorais” (PRENSKY, 2001, p. 01).

Posto esse cenário, adentramos na cultura contemporânea e conjuntamente com suas transformações somos instigados a pensar as redes, sendo estas criadoras de vínculos, de sociabilidade e de diálogos entre as novas gerações. Uma vez que a escola dá o primeiro passo em direção ao processo de pensar as aprendizagens na cultura digital, como também a formação humana em meio às transformações provocadas pela tecnologia, os desafios a enfrentar são gigantescos. Sendo assim,



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

[...] convém distinguir entre o simples atualizador que se conecta e navega sem operar, por um lado, e aquele que dispõe de alguma estratégia ou realiza alguma operação tendente a dar sentido ao fluxo, porque são dois tipos de conexões diferentes: dois modos distintos de lidar com uma informação ou habitá-la. Cabe sugerir, portanto, que a escola informatizada do século XXI teria que ser um espaço capaz de *ensinar* os alunos a se constituírem com esse tipo de subjetividade. (SIBILIA, 2012, p.186)

Desta forma, propomos, na sequência deste artigo, apresentar reflexões em busca da compreensão das responsabilidades que assumimos como educadores desta nova era, refletindo sobre as mudanças que a inserção das tecnologias no âmbito da educação provoca e o que tudo isso vem tensionando nas relações pedagógicas e no fluxo da aprendizagem e da formação humana das novas gerações.

2. A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UM DIÁLOGO COM MARIO OSORIO MARQUES

As especificidades da cultura digital nos desafiam enquanto educadores a analisar nossa formação, o agir pedagógico, o ensinar e aprender e a atuação nos diferentes níveis e perfis de formação que a nova era tecnológica nos impõe. “Na sociedade da informação, já não há lugares, mas fluxos; o sujeito já não é uma inscrição localizável, mas um ponto de conexão com a rede” (SIBILIA, 2012, p.177). A partir do cenário educacional ora presenciado, é assim que nos sentimos literalmente, “um ponto de conexão”, onde nativos e imigrantes navegam em busca de um porto seguro. Para Kenski, o “desafio gigantesco que aí se postula para todos os docentes está na construção e na organização de um tempo móvel, permeável, personalizado, que possa garantir elasticidade suficiente para atender as necessidades de cada aprendiz e suas relações com os conhecimentos e com as tecnologias” (2013, p.13).

Ao tentar compreender melhor esse cenário iniciamos um diálogo, pois é por meio da linguagem que representamos simbolicamente nossas crenças, valores e toda realidade que nos cerca. Se continuamos dialogando é por entendermos que a sociedade contemporânea, em profundas transformações, nos move a prosseguirmos a conversar sobre a escola e os processos de aprendizagem, interpelados a todo momento por novas situações pedagógicas, em grande parte suscitadas pela presença das tecnologias.

Vivemos no ensino e na sociedade tecnológica um atropelo da singularidade e da identidade, e sem isso a razão humana não se estabelece como possibilidade. [...] Como bem disse Bauman, na ética da contemporaneidade o grande desafio é inculcar nas novas gerações a desconfiança mínima para que as novas gerações não sejam apenas consumidoras, que não existam apenas para satisfazer a vontade monetária de Outrem. Mas que possam superar a massificação rumo ao acolhimento da alteridade de Outrem, mesmo que esse Outrem não

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

consoma as mesmas marcas e coisas. (RODRIGUES, 2019, p.144)

Frente a essa situação, somos provocados a pensar a tradição histórica e cultural e também a formação humana desses sujeitos que hoje interagem, consomem e “aprendem na rede”. Se observamos que o processo de singularização vem sendo intermediado pelas tecnologias e, de outro lado, entendemos que “aprendemos mediante envolvimento, engajamento pessoal, cumplicidade e, em regra, com ou diante dos outros, especialmente se esses aprenderam antes o que gostaríamos de aprender, ou seja, em situação pedagógica” (BOUFLEUER, 2013, p.107), importa refletir como ocorre a aprendizagem em rede. Como os alunos aprendem? Como se dá a escuta entre docente e alunos? Qual relação pedagógica há em rede?

Para falarmos de aprendizagem é preciso primeiramente se questionar como o aprendizado efetivamente ocorre. Conforme Boufleuer (2013):

Ele ocorre como uma realização do sujeito aprendente, em perspectiva própria, como processo de subjetivação. Ou seja, ele não se dá por repetição ou por simples transferência. Todo conhecimento precisa articular-se com o universo de experiências, referências e sentidos do sujeito aprendente. Caso contrário, ele não “gruda” no sujeito, não se sustenta como um saber, como uma capacidade, como uma competência. Ele necessita incorporar-se e converter-se em uma “figuração” interna do sujeito aprendente. Isso implica empenho, esforço, disciplina. E não há como driblar essa condição de aprendizagem. Deixemos, portanto, de lado as noções de aprender por osmose ou por qualquer forma que sugira uma assimilação passiva do conhecimento ou que dispensasse o empenho e a cumplicidade do aprendente.(p.106)

Em “A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência”, Marques enfatiza que “o homem se pode definir como o ser que aprende. Sua existência não é por inteira dada ou fixa; ele a constrói a partir de imensa gama de possibilidades em aberto” (1995, p.15). Sendo assim, podemos afirmar que a aprendizagem é feita a partir das possibilidades surgidas na cultura em que se está inserido, de questionamentos que o sujeito faz de si, deixando-se “perturbar” para o diálogo acontecer. Nesse diálogo criam-se relações comunicativas e sociais pelas quais os seres humanos estabelecem suas comunidades discursivas de argumentação, reconstruem a cultura, a sociedade e singularizam-se as subjetividades. Mario Osorio ressalta também que é importante observar o local de inserção do sujeito, como este se ajusta ao meio e como a partir deste constroi e reconstrói suas aprendizagens, uma vez que “no mundo vivido na cotidianidade cruzam-se o sonho e a atualização, a forma e o movimento, uma pluralidade que retrata a situação vivida em sua banal repetitividade” (1995, p.20).

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Trazendo para a percepção do mundo atual, é importante situar os processos de aprendizagem em uma perspectiva de sociedade tecnificada, hiperconectada, culturalmente digital, onde as aprendizagens não se pautam mais somente nas relações professor-aluno, mas também nas relações aluno-tecnologias-professor. Para Marques (1995) “a cultura identifica os grupos humanos inter-relacionados no espaço e encadeados no suceder das gerações” (p.23), e a partir daí se dá a aprendizagem no quadro de uma intersubjetividade específica, que produz entendimentos sobre si mesmos e seus mundos, construindo as relações sociais do aprender a aprender juntos na proximidade, no encontro com o outro, através da linguagem e da comunicação.

Se é, a partir da linguagem que as aprendizagens transcendem, motivam a comunicação com o outro, a escola, mais especificamente a sala de aula, tem um papel importante nesse processo todo, pois é nesse “clima psicossocial, carregado de desejos e motivações, de intenções e virtualidades, onde ganha efetividade e sentido o quadro delineado por planos e programas, métodos e procedimentos, objetivos traçados, regulamentos e normas”(MARQUES, 1995, p.110), que a prática pedagógica se estabelece modelando o indivíduo na cultura, tornando-o responsável frente às exigências da cultura contemporânea.

Temos na escola esse espaço-tempo da sala de aula onde se dão as relações diretas e imediatas do ensinar e do aprender, do docente com o aluno, e vice-versa. “Surge, assim, a escola como um lugar, tempo e recursos destinados às aprendizagens em interação dialogal dos nela interessados com Outro socialmente qualificado, para compartilharem do entendimento, da organização e da condução dos processos formais do aprender mediado pelo ensinar” (MARQUES, 1995, p.87). Desta forma, e analisando as demandas educacionais do século XXI “em rede”, como pensar as novas definições de espaço-tempo em sala de aula que contemplem no ensinar e no aprender as dimensões pedagógicas da aprendizagem? E aqui não se trata só de definir conceitos, criar conteúdos predefinidos e repassá-los prontos, inserir metodologias ativas ou se adaptar ao ensino híbrido, mas, sim, como nos diz Marques (1995) “necessita a escola ser percebida no campo simbólico da fantasia, onde se espelha o mundo dos possíveis, o remoto, o ausente, o ainda obscuro, o objeto do desejo, as intencionalidades amplas e arrojadas da utopia” (1995, p.88).

O papel da escola sempre foi o de ser um lugar funcional, onde as interações e os diálogos ocorriam e a partir de onde as aprendizagens eram compartilhadas. Para Marques, bastava entender os sujeitos para entender o processo, pois ele mesmo afirmava que “entender radicalmente a escola supõe entender as cabeças dos que a fazem no seu dia-a-dia, isto é, as mais recônditas razões que os movem” (MARQUES, 1995, p.89). No entanto, no mundo contemporâneo mudanças aconteceram



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

na dinâmica escolar e no modo como as aprendizagens das novas gerações foram expostas, corroborando a afirmação de Marques de que “o ensino começa quando professores e alunos redefinem juntos as aprendizagens”. Se podemos pensar a escola como o mundo do imaginário, do possível, e onde em pares a aprendizagem acontece, como pensar o processo de ensinar e aprender no ambiente virtual?

3. A DOCÊNCIA EM UMA SOCIEDADE INFORMATIZADA

Dentre tantos questionamentos que temos em relação à educação na contemporaneidade como um todo nos preocupa o modo como as tecnologias digitais impactam os processos de aprendizagem e de formação humana. Em função disso, iniciamos tomando a dupla de questões posta por Boufleuer no texto “Aprendizagem na Mediação do Outro – O legado de Mario Osorio Marques”: “O quê” ensinar e “como” fazer isso da melhor forma possível? Assim, nos abrimos para inúmeras possibilidades de respostas que se darão na mediação com o outro, enunciando possíveis desdobramentos para as questões em tese e reforçando o papel da docência na relação pedagógica e na constituição dos sujeitos aprendentes.

Em seu livro “A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência”, Marques afirma:

Na docência se configura o compromisso social básico do profissional da educação. É ela a responsabilidade social muito concreta do professor que tem na sala de aula seu campo eminente de luta política e sua trincheira por excelência. [...] Significa uma presença muito concreta, qualitativamente diversa da presença abstrata e ausente mediada pelos meios eletrônicos e pelos audiovisuais. “O professor fala, mas sua palavra não é somente uma palavra *diante* da classe, é uma palavra *dentro, com* e para a classe’ [citando Gudsdorf]. Não se pode ocupar a docência com mera transmissão de conhecimentos. Ensinar não é repetir; é reconstruir as aprendizagens. (MARQUES, 1995, p. 117-118)

O processo pedagógico tem seu início quando professores e alunos redefinem juntos as aprendizagens. Mas não é somente isso, pois é preciso também pensar que “as aprendizagens que se realizam pela escola são pré-figuradas no imaginário social, antes de serem explícita e formalmente intencionadas no projeto-político-pedagógico de instituição social estabelecida no confronto das forças sociais mediadas pelo Estado” (1995, p. 88). Esse processo social perpassa o global e o individual, ou seja, ocorre quando tematizamos a realidade, unimos a teoria à prática, aprofundamos saberes e aperfeiçoamos conceitos para a vida dos sujeitos. Sendo assim é,

Na mediação da docência em sala de aula é que se efetivam as aprendizagens formais e sistemáticas e os conteúdos delas adquirem vida ao serem assumidos na qualidade de elementos determinados do conhecimento alcançado no entendimento compartilhado por

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

professores e alunos, sujeitos/atores do seu ensinar e aprender. Os alunos com seus saberes da vida e o professor, além dos saberes da própria existência vivida, com o saber organizado e sistematizado, sob a forma escolar e em função dela, na cultura e nas ciências”. (MARQUES, 1995, p.109)

Se a linguagem é uma das formas de nos expressarmos entre pares, cabe agora dialogarmos sobre esse papel que o educador ocupa na sociedade da informação, percebendo quais são as estratégias educacionais elaboradas para a integração da internet no contexto de sala de aula, quais perspectivas advém do ensino on-line, remoto, em benefício da relação pedagógica entre professor e aluno.

Mais do que parece, são complexas as relações em sala de aula. Os alunos não se relacionam, cada um, diretamente com o professor, nem se relacionam simplesmente entre si, mas o fazem mediante suas relações grupais e intergrupais e mediante suas relações com o professor, ou melhor, com os professores, porque são, em geral, vários os professores que se revezam na sala de aula e constituem, para os alunos, categoria social à parte. De igual maneira, o professor não se relaciona diretamente com cada aluno, mas o faz de frente à turma ou classe e mediante ela, que, por sua vez, não é senão um grupo de grupos diversa e pluralmente correlacionados. Isto sem considerar que ninguém suspende sua personalidade básica e suas relações externas à porta da sala de aula”. (Marques *apud* MARQUES, 1995, p.114)

A partir do diálogo com Marques, e entendendo que “a aula é um acontecimento”, poderíamos pensar nas questões trazidas no texto e analisar como acontece o processo de ensino-aprendizagem das novas gerações no século XXI a partir dos conceitos de aprendizagem em grupos e das interações dos indivíduos. Para tanto, e como Marques nos afirma, “o que importa não é o ensino das disciplinas como pacotes prontos e bem amarrados, mas cada período letivo, cada estágio do ensino-aprendizagem entendido e encarado como unidade operacional básica” (1995, p.117).

Entender esse ambiente escolar no todo, em uma época de tempo fluídico, de conexões em rede, da velocidade da informação e da desinformação, importa-nos pensar se esse processo de dar autonomia ao aluno se dará da forma como o professor espera, ou seja, “que um aprenda com o outro e vice e versa”. A partir daí, como pensar o processo de autonomia do educando se as pesquisas nos mostram que os nativos digitais não existem? ^[1] Muitos questionamentos permeiam a escola na contemporaneidade, pois há uma alteração do quadro até então conhecido, colocando os docentes em locais e tempos diversos, trazendo, além das novas metodologias através do uso das TDIC, o aumento das oportunidades de aprender com essas plataformas e com alunos altamente conectados em rede. Mas, como diz o dito, nem tudo são flores. Há ainda por grande parte dos docentes um certo desconforto ao usar as tecnologias, seja por desconhecimento das suas funcionalidades, seja

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

pelo receio do novo e desconhecido, ou, ainda, por temor de que muitos alunos sabem mais do que eles próprios.

Nesse sentido, o diálogo em sala de aula se torna ainda mais amplo e complexo, pois ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais trazem um ambiente de múltiplas possibilidades, elas levam à aproximação professor/tecnologia/aluno, promovendo uma interação entre os pares, que de certa forma gera um desconforto para o docente. A partir daí, é interessante refletir se estamos falando de uma nova função para o professor, que não é mais aquela de repetidor de uma verdade já pronta, mas que passa a ser a de um mediador, de um interlocutor que, com sua racionalidade prática, organiza o raciocínio do grupo para a compreensão do todo. De outra parte, quanto aos nossos alunos pode-se observar que quanto mais conectados, plugados e identificados com a rede, tanto mais na vida real se encontram dispersos, apáticos e isolados em seus mundos virtuais. Isso, sem dúvida, põe um desafio adicional ao trabalho do docente.

Ser professor “significa uma presença muito concreta, qualitativamente diversa da presença abstrata e ausente mediada pelos meios eletrônicos e pelos audiovisuais” (MARQUES, 1995, p.118). Aqui bem cabe o dito “o velhinho já sabia” (referido a Mario Osorio Marques) que chegaríamos a um ponto de inflexão, de olhar fora da caixa e tentar perceber como a escola tem se portado diante deste novo cenário mediado pelos meios eletrônicos, tanto em relação à formação docente quanto ao respeito do ritmo de aprendizagem dos alunos. É o ausente-presente no espaço virtual,

O tempo do ensino móvel, com currículos e grades cada vez mais flexíveis, redefine as propostas pedagógicas, exigindo a articulação dos professores e todo o *staff* educacional, com funções diferenciadas. Dois ou três profissionais precisam se integrar em equipes para realizar - sobretudo a distância ou em cursos semipresenciais, mediados pelas tecnologias digitais, de forma flexível, o ensino em uma única disciplina. (KENSKI, 2013, p.54)

Essa capacidade de intercomunicação gerada pela cultura tecnológica modifica os meios, os comportamentos e as práticas pedagógicas, mas, também, gera um abismo entre professores e alunos no mundo virtual. Esse é um dos motivos que anima este artigo enquanto convite aos profissionais da educação de aprofundar a reflexão sobre as responsabilidades que nos cabem na escola e na sociedade, em busca de entender essa nova cultura digital e como a mediação das tecnologias pode auxiliar nas relações pedagógicas e a na construção das aprendizagens e da formação dos novos sujeitos.

É tempo de refletirmos, como docentes, o tempo-lugar da escola em que estamos inseridos, que não mais se faz com autonomia total, mas cujo fazer é interpelado por diversos processos burocráticos,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

pelas tecnologias digitais da comunicação e da informação e pelo mundo comum. “A docência competente somente se configura na prática persistente inquirida pela reflexão pessoal e pelo discurso argumentativo na comunidade da profissão de forma a tornar-se práxis de vida” (MARQUES, 1995, p.123). Então, cabe a nós educadores pensar a dimensão da profissão em sala de aula, local onde as aprendizagens acontecem, mas também os desconfortos, medos e as dúvidas. A escola é parte substancial da nossa sociedade. E é esse lugar que devemos olhar, dar-lhe suporte, defendê-lo e amá-lo, pois é nele que as aprendizagens mais significativas deverão ocorrer e onde as tecnologias têm ganhado espaço e impactado as novas gerações de forma intensa.

Sintetizando, vivemos atualmente num tonel de incertezas, em um mundo inseguro e imprevisível, onde o viajante esperto fará o possível para imitar os felizes herdeiros da elite global que viajam leves e não derramaram muitas lágrimas ao se livrar de qualquer coisa que atrapalhe os movimentos. E nesse processo contínuo a sociedade como um todo se transforma e deixa tudo em fluxo, voláteis, desregulada, flexível, instável, vulnerável onde se unem dinamismo, falta de compromisso, dispositivos eletrônicos e os sujeitos aprendentes, marcando indelevelmente esta época de mobilidade, mutações e poder das tecnologias digitais sob o mundo, em especial, sobre os sujeitos virtuais na contemporaneidade. Por isso, é preciso se questionar: e a escola, e os docentes, e os alunos, como se comportam nesse cenário?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A escola que temos hoje não corresponde à mesma instituição que marcou a primeira metade do século XX. Durante esse século fomos conhecendo três escolas. A instituição escolar sofreu mutações que podemos sintetizar em uma fórmula breve: a escola passou de um contexto de *certezas*, para um contexto de *promessas*, inserindo-se, atualmente, em um contexto de *incertezas*”. (CANÁRIO, 2006, p.160)

As novas configurações que a escola e a educação passaram a ter nas últimas décadas, ocasionadas pelas entrada das tecnologias em sala de aula, impulsionaram o debate sobre o fazer docente e a formação humana na era tecnológica. Estamos diante de dilemas de como reinventar a organização escolar, tornando o trabalho do professor colaborativo. As práticas pedagógicas têm a inserção das tecnologias e a aprendizagem passa a ser mediada por instâncias que não mais exclusivamente a representada pelo professor.

Entre os dilemas que nós docentes vivemos na vida contemporânea nos sentimos exatamente neste contexto pós-metafísico, que pressupõe o abandono das certezas metafísicas.

Usando a imagem de um barco à deriva em alto mar, no modo metafísico de pensar se supõe a existência de uma bússola, ou de uma estrela-guia, capaz de indicar o rumo a ser



Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

seguido. Já no modo pós-metafísico de pensar a escolha de um rumo a seguir deverá passar pelo entendimento dos que estão no barco, sob o pressuposto de que ninguém sabe ao certo para onde ir, o que torna razoável um acerto de perspectivas com todos os envolvidos. (BOUFLEUER, s/d, p.08)

Na perspectiva de dialogar sobre os dilemas da educação na contemporaneidade, em especial, sobre o impacto das tecnologias digitais na formação humana, propusemos trazer vários questionamentos durante o texto com o intuito de iniciar um processo de construção de uma possível comunidade dialógica envolvendo todos os setores da sociedade em busca de uma “estrela-guia” nesse mar revolto dos tempos atuais. Para bem compreender o que desde o início deste artigo enfatizamos, precisamos nos questionar: qual mundo queremos deixar para os nossos filhos? Quais são suas referências de verdade na rede, e em que espaços eles estão se constituindo humanos? Como a escola, instituição formadora, se organiza na cultura digital para (re)assumir seu papel na formação das novas gerações?

Por que continuamos dialogando? Será porque nunca dizemos tudo? Ou será, porque a sociedade contemporânea em profundas transformações nos move a continuarmos a dialogar sobre a escola, as tecnologias e os processos de aprendizagem exigindo a todo momento novas situações pedagógicas? Se nos constituímos humanos a partir da inter-relação com outros humanos, importa dialogar com toda sociedade acerca de como as novas gerações se relacionam, constroem entendimentos e criam laços a partir das comunidades virtuais. Se mediante aprendizagens construímos valores e crenças, nos reinventamos e reinventamos o mundo e nele criamos a própria orientação, cabe perguntar em que medida uma formação humana pode se realizar com a mediação das tecnologias e em que medida exigiria a mediação de humanos. Eis uma questão fundamental para pensarmos.

REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, José Pedro. A aprendizagem em situação pedagógica e na mediação da docência. In: FONTELLA, A. S.; SAUSEN, I.T.; ALLEBRANDT, L. I. **O curso de pedagogia da Unijuí - 55 anos**. Ijuí, Ed. Unijuí, 2013, p. 103-121.

BOUFLEUER, José Pedro. A docência na educação superior. Ijuí, s/d, 64p. (texto didático)

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CASTELLS, Manoel. **Sociedade em rede**. 8ed. Tradução Roneide Venancio Majer. Paz e Terra,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

1996.

CHAMPANGNATTE. Dostoiowski Mariatt de Oliveira; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Cibercultura – perspectivas conceituais, abordagens alternativas de comunicação e movimentos sociais. **Revista Estudos da Comunicação**. Curitiba, v. 16, n. 41, p. 312-326, set. /dez. 2015.

COELHO. Patricia F. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. **Revista Texto livre: linguagem e tecnologia**. Ano: 2012 – Volume: 5 – Número: 2. Pontifícia Católica de São Paulo. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres>

DEMO. Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2009.

FRAILLON, Julian et al. Preparing for life in a digital world. IEA .**International Computer and Information Literacy Study**. 2018. International Report. Disponível em: <https://www.iea.nl/sites/default/files/2020-04/IEA%20International%20Computer%20and%20Information%20Literacy%20Study%202018%20International>
Acesso 20 maio.2020.

MARQUES, Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: Unijuí, 1995.

PRADO, C. Política da cultura digital. In: SAVAZONI, R.; CONH, S. (Orgs). **Cultura Digital**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/documents/10877/0/cultura-digital-br+\(2\).pdf/9d6734d4-d2d9-4249-8bf5-d158d019ba6d](http://www.cultura.gov.br/documents/10877/0/cultura-digital-br+(2).pdf/9d6734d4-d2d9-4249-8bf5-d158d019ba6d) .Acesso: 15 jun.2020.

Prensky, Marc. Nativos digitais, imigrantes digitais (Traduzido). **On the Horizon** (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro, 2001) © 2001.

RODRIGUES, Ricardo Antônio. **O ensino como alfabetização ética**. Curitiba: Brasil Publishing, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

_____. O futuro do humano (Extrato). **Arte & Ciência** 7. (2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u568V330BMs> Acesso:04 maio.2020.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TOMAZ, Renata. A invenção dos tweens: juventude, cultura e mídia. DOI 10.1590/1809-5844 20148 - **Intercom** – RBCC, São Paulo, v.37, n.2, p. 177-202, jul./dez. 2014.

[1]

— O estudo ICILS 2018 reuniu dados de 46.561 alunos da 8ª série (ou equivalente) em mais de 2226 escolas de 12 países e dois participantes de benchmarking. Esses dados dos alunos foram aumentados por dados de 26.530 professores. O resultado demonstrou que apenas dois por cento (2%) dos estudantes estavam trabalhando no nível 4 e poderia executar controle e julgamento avaliativo ao procurar informações e criar produtos de informação. O estudo está publicado no PREPARING FOR LIFE IN A DIGITAL WORLD IEA - International Computer and Information Literacy Study. 2018 International Report. Amsterdam. (e-Book). Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-38781-5>. Acessado em: 09/06/2020.

[1]

— Tecnofobia: “Para quem aprecia de menos” (DEMO, 2009, p.02). “A atitude de *tecnofobia* é manifestada no medo e na recusa da tecnologia, encara os novos meios como instrumentos de influência maléfica pelos seus efeitos destrutivos na educação e nos costumes, no empobrecimento e descaracterização da cultura” (SILVA, 1999, p.05). Tecnofilia: “Profetas de um só... que veem apenas o que as novas tecnologias podem fazer e são incapazes de imaginar o que elas irão *desfazer*. Podemos chamar essas pessoas de *tecnofólios*, Elas olham para a tecnologia como um amante para sua amada, vendo-a sem defeitos e não sentindo apreensão alguma quanto ao futuro” (POSTMANN, 1994, p. 15). Ou seja, “é para quem aprecia em excesso” (DEMO, 2009, p.02).

[1]

— “A cultura dotada de técnicas, valores, pensamentos e atitudes das pessoas que se articulam nesse novo espaço” (CHAMPANGNATTE; CAVALCANT, 2015, p.315).

Parecer CEUA: 3.069.588